

MINHA BUCETA É O PODER!¹

[ENSAIO RITMADO PARA UM CORPO PENSAENTE]

Michelle Bastos da Cunha²
Raphaella Marques de Oliveira³

...Caio Fernando Abreu gostava de sentir o ritmo do texto que criava. Quando começara a escrever, desejava um capítulo em ritmo de *blues* ou *rock* ou *heavy* _e conseguia dançar, talvez por isso, tornou-se uma divindade⁴ da grafia marginal.

Ouvia música para pensar, pensava para se libertar, libertava-se escrevendo. Escrevia para ouvir música e dançava, conforme suas letras um ciclo de vício à margem

Ele e sua geração de poetas, que percorreram tantas cidades e sentimentos comuns a todos, como o amor, não imaginavam a guerra paradoxal que se intensificaria. [:] como lidar com a cidade? Com os sentimentos? Como lidar com um mundo que insiste em ignorar os sensíveis?

Antes mesmo de todas essas questões, a tal guerra cultivava em seu objeto gerador o principal alvo: as pessoas >especialmente as mulheres< – como lidar com o feminino que marca historicamente seu pensamento e seu território nas cidades, nos sentimentos, na poesia, no mundo? – como lidar com o feminino que quer ser livre?

*eu não te olho com o teu olho que sabe que quase tudo em ti é transitório.*⁵

A arte, tão culpada, tão alvo, tão criminalizada, parece ser o caminho do desvio. Escapa espraia espalha impregna enlouquece reafirma os territórios tanto dos sensíveis quanto dos manipuladores, está em todo canto esquina zona beco boca mãos e mentes. [por mais que você não goste, ou queira. está aí também. dentro e fora.

Nas cidades, as zonas de conflito e a linha sutil entre o que é ou não arte nos atravessa **sem termos tempo para pensar**. ainda assim, o que a define está exatamente em cada um: a subjetividade + a personalidade + a experiência dos *indivíduos* é que expressam o que é ou não tudo, até mesmo a arte. >>>por mais que você não goste, ou queira está aí também no meio [-] e um paradoxo: impossível a experiência de um *indivíduo* na rua ser individual, apenas. Impossível mesmo à solidão de um *indivíduo* na rua ser individual, ele está sempre atravessado e deslizando.

~ não há saída para a solidão nas cidades ~

No meio no entre no vão o eu-nós vários nós, nós-agirexperimentarpensar, escritura cartografável em por vir experimentação ramificada em aproximações-diferenças.

¹ Pixo assinado por MiC, bairro da Campina, Belém-PA. Tornou-se domínio público na internet. Refere-se à música *My Pussy é o Poder*, Gaiola das Popozudas.

² Licenciada em Educação Artística, com habilitação em Artes Visuais, pela Faculdade Dulcina de Moraes. Suas pesquisas atravessam a rua, a partir dos lugares de experiência e das narrativas de cotidianos compartilhados. É grafiteira, assina como MiC. E-mail: avidaesonho@gmail.com

³ Graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, pela Universidade Federal do Pará – UFPA. Mestra em Arte, Cultura e Sociedade pela mesma universidade, pesquisa Corpo, Estética e Cidade a partir dos campos da Arte, da Filosofia e da Comunicação. E-mail: raphissimaaa@gmail.com

⁴ Eu só poderia crer em um *Deus* que soubesse *dançar*. – afirmava Friedrich Nietzsche em Assim Falou Zaratustra.

⁵ *Árias Amaríssima de um Instante*. Hilda Hilst. Cadernos da Literatura Brasileira.

Rupturas, múltiplos afetos com velocidades variáveis. Afinal, *há rizoma quando os ratos deslizam um sobre os outros*⁶.

*antes que o mundo se acabe
antes que acabe em nós
nosso desejo*⁷

A normatividade, a excludência e o discurso de unidade construído a partir de uma igualdade patriarcal não estão apenas nos muros higienizados, estão nas gentes, as questões de gênero nascem por revelarem as humanidades, diferenças, e interseções, o encontro arte + pessoas suja os muros, suja as gentes, vira o disco, muda a cadência normativa, excludente e unitária, humaniza, feminiza e dão cor à brancura de paredes, muros, postes, calçadas e afetam, de alguma forma, as pessoas. Afinal, a cidade é culpa sua também.

*sem sonho algum
enquanto chove dentro e fora a chuva fria.
amanhã tem mais.*⁸

O ato essencialmente *individual* da escrita > provocado e atravessado pelo ritmos musicados das palavras-desordens de um *funk* > pixadas nos muros de uma cidade [:]

*ocê que não conhece eu apresento pra você
sabe de quem eu tô falando?*⁹

Arte:

rizoma-caos. rizoma-crime.



Foto 1: bairro da Campina (área comercial), em Belém-PA.

Fonte: Internet.

⁶ Sobre *Rizoma*. Deleuze; Guattari, 1995, p. 15.

⁷ *Árias Pequenas. Para Bandolim XI*. HILST, 1974. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/hilda.html#ama>>.

⁸ Em *Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu*. CHAPLIN; LIMA e SILVA (Org.). 2012, p. 120.

⁹ Trecho de *My Pussy é o Poder*, Gaiola das Popozudas.

A busca de identidade e reconhecimento histórico enquanto seres pensantes, de direitos reafirmáveis e conscientemente resistentes a partir da força da libertação proporcionada pela arte, pela arte na rua, em suas diversas linguagens – literatura, música, circo, cinema, desenho – infiltram a carne, a pele, a mente, os esgotos, o limo.

*o caos é anterior a todos os princípios
de ordem e entropia, não é nem um deus
nem uma larva, seus desejos primais
englobam e definem
todas coreografias possíveis*¹⁰

Tudo no meio, o muro o feminino a arte. A liberdade de pensamento que gera liberdade de enfrentamento –

*não apenas sobreviva, enquanto espera que a revolução de alguém ilumine
as suas ideias, (...) mas arrisque-se, dance antes que fique calcificado*¹¹.

(então, por que citar um homem na primeira linha?

gênero não é conceito_

, nem amor, nem arte o são.

também não é de graffiti ou pixo ou outra intervenção urbana criminalizada que se fala aqui. É de algo anterior, daquele *tempo para pensar*, para agir, da resistência cotidiana que só existe quando o corpo torna-se pensante.

Assim como a poesia de qualquer linguagem artística está na presença do pensamento, na força do signo-símbolo que cria estéticas de resistência, o amor está no crime, na ideia, no meio de todos _o gênero é movente e está no sentir. Caio não é um homem, é um feminino, sua memória é real, está escrita, cantada, ritmada – para dançarmos.]

Para além do poema da partitura da coreografia do filme do espetáculo do pixo do graffiti, os signos-símbolos das linguagens devem provocar incidentes, memórias eternas em uma criança, cegueira sensível em um adulto, possibilidades de escolha para uma pessoa ou uma população inteira – Oxalá que a dança seja coletiva.

Arte como crime, crime como arte.¹²

, Pensar é a única forma de agir.

O pensamento tem efeitos tangíveis, por isso deve ser real e criminoso, assim como o mundo.

O crime de pensar resiste. O amor também.

+ a arte + a linguagem + o corpo

A metamorfose do espaço cotidiano depende do crime [:] ideia expandida pelo corpo. sujeira-culpa.

>>> símbolos [que também são coisas] e pessoas [que também são simbólicas] – ioga da imagem ou feitiçaria.¹³

¹⁰ Referente a *Caos*, capítulo de *CAOS: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico*, de Hakim Bey.

¹¹ Referente a *Crime*, capítulo de *CAOS: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico*, de Hakim Bey.

¹² Última frase de *Terrorismo Poético*, capítulo de *CAOS: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico*, de Hakim Bey.

¹³ Referente à *Feitiçaria*, capítulo de *CAOS: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico*, de Hakim Bey.

*...definimos uma nova cultura com
a nossa excomungada união de corpos,
fusão de líquidos –
as fronteiras imaginárias da nossa cidade-estado
se borram com o nosso suor.¹⁴*

Canhão da máquina-linguagem | gatilho | palavra-soldado-de-guerra | >>>> disparo
>>>>



Foto 2: bairro Cidade Velha, em Belém-PA.
Fonte: arquivo pessoal.

e outro paradoxo: manipuladores e a arte de criminalizar a arte. sensíveis e a arte da crime-ideia dançando com seus corpos pensantes.

Arte

: crianças selvagens dançando feitiçaria, o caos de um amor louco.

P. S.: as palavras pertencem àqueles que as usam apenas até alguém as roube de volta.¹⁵

P. S.²: cidadesar-me-se.

e, sim, este ensaio é fruto de um Amor Louco_

¹⁴ Em *Amor Louco*, capítulo de *CAOS: Os Panfletos do Anarquismo Ontológico*, de Hakim Bey.

¹⁵ *idem*.

Referências

BEY, Hakim. *Caos: os panfletos do Anarquismo ontológico*. Tradução colaborativa. Fonte Digital Protopia.at.

CHAPLIN, Leticia C.; LIMA e SILVA, Márcia I. (Org.). *Poesias nunca publicadas de Caio Fernando Abreu*. RJ: Record, 2012.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Felix. *Mil Platôs 1*. SP: Ed. 34, 1995.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. *Cadernos da Literatura Brasileira*. Encarte. São Paulo, n. 8, 1999.

JORNAL DE POESIA. *Árias Pequenas para Bandolim XI*. Hilda Hilst. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/hilda.html#ama>>.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Assim Falou Zaratustra*. Os Discursos de Zaratustra. Tradução José M. de Souza. Fonte Digital eBooksBrasil.com.

RB; MANDRAK. *My Pussy é o Poder*. Intérprete: Gaiola das Popozudas. Produção musical: RB Dj e Mandrak. RJ: Independente, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pXcZxiv_5Qs>.